

---

---

## MORTE, CULTURA, HEAVY METAL E EXPERIÊNCIA INTERNA: SENSAÇÃO E AFETIVIDADE<sup>1</sup>

José Hugo Gonçalves Magalhães<sup>2</sup>  
Alexsandro Medeiros do Nascimento  
*Universidade Federal de Pernambuco, Brasil.*

**RESUMO.** O presente estudo buscou investigar as possíveis relações estabelecidas entre referenciais tanatológicos presentes no heavy metal e as experiências afetivas e sensoriais associadas à morte por partícipes deste campo de expressão artística e cultural. A pesquisa foi conduzida com base em metodologia introspeccionista de base qualitativa e idiográfica para o estudo da consciência, cujos procedimentos culminaram, em um primeiro momento na identificação e descrição das fenomenologias emergentes das referidas experiências; em um segundo momento na discussão dos processos cognitivos e afetivos subjacentes à emergência dos conteúdos fenomenológicos; e, em um terceiro e último momento na discussão de possíveis relações entre as fenomenologias reportadas e a circunscrição da morte no heavy metal. Tomados como um todo, os dados indicaram que, tanto no campo afetivo quanto no campo sensorial, a experiência interna do tema da morte entre os sujeitos reflete conhecidos parâmetros de representação da morte no ocidente, os quais parecem se sobrepor ao campo mais restrito de representação da morte no heavy metal.

**Palavras-chave:** Morte; consciência, cultura.

## DEATH, CULTURE, HEAVY METAL AND INNER EXPERIENCE: SENSATION AND AFFECTIVITY

**ABSTRACT.** The present study aimed to investigate the possible relations between thanatological referentials present in heavy metal and the affective and sensory experience associated with death by participants of this artistic and cultural field. The research was based in a idiographic and qualitative introspectionist approach for the study of consciousness, whose proceedings culminated, in a first moment, in the identification and description of the emerging phenomenology of these experiences, in a second moment, in the discussion of the cognitive and affective processes underlying the emergence of the phenomenological content; and finally, in a third moment, in the discussion of the possible relations between the reported phenomenologies and the circumscription of death in heavy metal. Taken as a whole, the data indicated that both, the affective field and the sensory field reflects that the inner experience of death theme reflects major parameters of death representation in the West, which appear to overlap the narrower field of death representation in heavy metal.

**Keywords:** Death; consciousness, culture.

## MUERTE, CULTURA, HEAVY METAL Y EXPERIENCIA INTERNA: SENSACIÓN Y AFECTIVIDAD

**RESUMEN.** Este estudio tuvo como objetivo investigar las posibles relaciones entre referencias teratológicos presentes en el heavy metal y la experiencia sensorial y afectiva asociada con la muerte por los participantes de este campo de expresión artística y cultural. La investigación se realizó con base en metodología introspeccionista de base cualitativa e ideográfica para el estudio de la conciencia, cuyo procedimiento culminó, en un primer momento, en la identificación y descripción de la fenomenología emergente de esas experiencias, en un segundo momento, en la discusión de los

---

<sup>1</sup> *Apoio e financiamento:* Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq)

<sup>2</sup> *E-mail:* hugo\_magalhaes88@hotmail.com

procesos cognitivos y afectivos que subyacen a la aparición de los contenidos fenomenológicos; y, en el tercero y último momento, en la discusión de las posibles relaciones entre la fenomenología informada y la circunscripción de la muerte en el heavy metal. Tomados en su conjunto, los datos indicaron que tanto en el campo afectivo cuanto en el campo sensorial la experiencia interna del tema de la muerte refleja conocidos parámetros de la representación de la muerte en el occidente, que parecen superponerse el terreno más estrecho de la representación de la muerte en el heavy metal.

**Palabras-clave:** Muerte; conciencia, cultura.

---

## Introdução

Por todos os seus recaimentos existenciais, a morte é considerada um objeto de emblemática centralidade em nossa vida mental, produzindo efeitos em diversos níveis dos processos afetivos, cognitivos e comportamentais (Pyszczynski, Greenberg, & Solomon, 1999). Segundo Cave (2012), a morte se constitui enquanto objeto de subjetivação a partir da interação do sujeito com uma miríade de referenciais culturais, constituída numa escala que, entre as sociedades, geralmente segue variando entre dois polos onde encontramos em uma extremidade o cultivo de uma concepção de morte enquanto finitude biológica, e, na outra, uma concepção de morte como sendo uma passagem para a imortalidade.

As idiosincrasias de cada uma dessas extremidades bem como suas possíveis intersecções ao longo dessa escala constituem as variadas perspectivas e estéticas da morte arraigadas nas culturas, que ao funcionar como elementos psicossociológicos, com frequência, assaltam o vasto campo de nossas experiências diante da mesma. Esses referenciais que especificam o significado da morte em cada cultura costumam ser pensados, portanto, como mediadores cognitivos, afetivos, sociais e culturais de nossas experiências com o amplo espectro tanatológico, e atuam como um parâmetro simbólico na construção de nossos processos de subjetivação da morte (Kovács, 2008).

Deste modo, espera-se que a interação humana com tais referenciais resulte em efeitos diretos no campo da subjetividade e seus processos básicos (Kastenbaum & Aisenberg, 2000). Segundo Ariés (2012), no ocidente, um dos significados mais centrais da morte encontra-se relacionado ao seu caráter interdito, que alimenta a sua representação enquanto impedimento à realização da vida. Se considerarmos a relação estabelecida pelos sujeitos com este grande referencial, podemos conceber como o mesmo interage com a promoção de uma série de processos psicológicos, tais como o desencadeamento de comportamentos e cognições de autopreservação; a experiência de afetos de natureza temerosa e angustiante ante a morte; entre outros.

Considerando os impactos da cultura no processo de subjetivação da morte, no presente estudo, buscamos investigar as possíveis relações estabelecidas entre referenciais tanatológicos presentes no heavy metal, enquanto campo de expressão e cultural, e os conteúdos de experiências afetivas e sensoriais associadas à morte por partícipes deste campo. Especificamente, partimos de uma articulação teórico-metodológica com vistas à exploração introspeccionista e idiográfica deste fenômeno, baseada na aplicação de entrevista semiestruturada de recorte exploratório da cognição e processos psicológicos, a fim de compreender como simbologias e estéticas tanáticas inerentes ao heavy metal podem produzir efeitos na dimensão da fenomenologia da experiência interna do sujeito frente ao tema da morte.

A escolha dessa população dá-se no âmbito de uma proposta sociocognitiva de estudo da morte, interessada em rastrear os graus de influxo de referenciais tanatológicos advindos de uma cultura específica nos modos de subjetivação da morte de seus participantes. Com a terminologia “referenciais tanatológicos”, objetivamos denotar aqui toda a malha de significações atreladas à morte dentro do movimento heavy metal. Neste campo, a morte costuma ser importante elemento estético e simbólico de sua expressão ideológica, artística e cultural (Christe, 2010). Segundo Weinstein (2000), de uma maneira geral, as simbologias da morte presentes neste campo ancoram-se em eixos semióticos que ressaltam aspectos tipicamente soturnos, terríficos, macabros e metafísicos atrelados ao tema, refletindo distintos espectros de interpretação tanto biológica quanto existencialista de sua origem e estatuto na existência humana.

A apresentação da morte no heavy metal constitui-se a partir de uma especificidade semiótica, no sentido do tema ser construído com base em um conjunto singular de significados tanatológicos

emergentes de sua produção estética e conceitual. Segundo Christe (2010), as elaborações semióticas operadas no tema da morte, no âmbito da cultura heavy metal se expressam tanto nos discursos quanto nas capas dos discos, letras dos discos, tatuagens, vestimentas e indumentárias em geral. Por exemplo, no heavy metal é bastante comum observarmos a morte sendo representada pela imagem clássica do ceifador, das caveiras, ou pela imagem de cemitérios. Ainda segundo o autor, em suma, os elementos estéticos, discursivos e musicais atrelados ao conteúdo das letras transparecem uma gama extensa de significados ligados à morte, quais sejam, vinculando-se a temáticas que vão desde o universo do macabro, do mórbido e do terrorífico, até temáticas acerca do universo melancólico, metafísico e existencial.

A partir desta constatação, supomos que essa singularidade inerente à expressão tanatológica da morte no heavy metal pode produzir efeitos nos modos de subjetivação da morte entre seus adeptos, compreendendo esses efeitos como um resultado das vivências dos sujeitos com tais expressões.

A exploração do processo de subjetivação da morte por vias dos conteúdos subjetivos emergentes do contato do sujeito com simbólicas tanatológicas parecem interessar à construção de uma compreensão acerca de como a cultura, enquanto sistema de organização dinâmica de referenciais semióticos que pressupõe a interação entre sujeitos e artefatos tecnológicos de uma dada sociedade (Paivio, 2007) participa de tal processo. Isto porque tais conteúdos parecem ser especialmente informativos da singularidade e qualidade da interação estabelecida pelos sujeitos com parâmetros culturais de representação tanatológica.

No entanto, a investigação científica dos impactos exercidos por tais tipos de parâmetros na constituição dos elementos, que compõem a experiência interna do sujeito quando em contato com o amplo espectro tanatológico, tem sido relativamente escassa no âmbito dos estudos psicológicos da morte em geral. Uma exceção que vale ser mencionada relaciona-se ao campo de estudos do estatuto existencial ocupado pelos conteúdos das visualizações internas dos sujeitos que passaram por experiências de quase morte (Fenwick, 2013), que tem buscado compreender o conteúdo dessas visualizações a partir das relações estabelecidas pelos sujeitos com simbólicas tanáticas pertencentes ao imaginário da morte nas culturas em geral.

Segundo Brown (2011), o heavy metal, enquanto objeto de investigação científica, tem sido investigado mais amplamente no âmbito das ciências humanas. Em psicologia, estudos acerca do heavy metal encontram-se interessados em examinar a relação entre preferências musicais e indicadores de risco na juventude, desvio social e delinquência. Na sociologia, antropologia e áreas correlatas, um campo amplo de investigação tem investigado temas relacionados a valores morais e heavy metal, o papel da cultura na conformação lírica, estética e musical de estilos dentro metal, entre outros.

No que concerne aos estudos de base etnográfica da morte, provenientes majoritariamente do campo da antropologia, há tempos, já se aponta para a importância de considerar as variedades de expressões da morte inerentes às diversas culturas na construção do imaginário popular frente ao tema, tendo em vista o impacto exercido pelos ritos funerários, crenças espirituais, entre outros, no campo da experiência singular com a morte (Hidalgo, 2010). Todavia, no campo psicológico, ainda persiste uma escassez de pesquisas com intuito semelhante. Investigar o processo de significação da morte a partir da exploração de seus indexadores cognitivos e afetivos à luz da interface com referenciais culturais que identifiquem uma especificidade tanatológica concernente às culturas de pertença dos próprios indivíduos seria importante na construção de uma compreensão mais clara acerca da imbricada relação entre cultura e subjetividade na constituição da experiência do sujeito frente à morte.

Na psicologia, o estado da arte dos estudos sobre a morte indica forte prevalência de investigações atreladas a contextos de atuação ou investigação clínica, no âmbito hospitalar (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011). Isso parece ser devido às influências exercidas pelas pesquisas de Elizabeth Kübler-Ross (1996) no campo da clínica tanatológica, cujo escopo principal esteve atrelado ao mapeamento e descrição de diferentes estágios de elaboração psíquica frente à morte, vivenciados por pacientes com enfermidades irreversíveis e pessoas que passam por momentos de luto e perda em geral. Paralelamente à investigação da morte no campo clínico, a formação do conceito de morte tem sido outro principal tópico de investigação psicológica da morte, só que no contexto da psicologia cognitiva e do desenvolvimento (Roazzi, Dias, & Roazzi, 2010; Salvagni, Savegnago, Gonçalves, Quintana, & Beck, 2013).

Tomadas como um todo, podemos dizer que as investigações oriundas dos campos de investigação psicológica interessadas na pesquisa de processos associados à subjetivação da morte estão mais constantemente interessadas no rastreamento de construções discursivas a respeito do modo como o sujeito constrói sua perspectiva e significado pessoal ante a morte e o morrer (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011). A despeito da evidente importância desses tipos de mapeamentos semânticos para a compreensão dos elementos que participam da construção dos significados tanatológicos em geral, dados de outra natureza, provenientes de outros caminhos psicológicos que participam do referido processo, também parecem merecer a devida atenção por parte da pesquisa da subjetivação da morte. Trata-se de dados que abarcam a dimensão dos processos cognitivos e afetivos que não só participam como também referenciam a construção desta subjetivação, ao codificar os objetos do mundo sob a forma de experiência subjetiva, estando entre esses, a morte; configurada enquanto objeto de representação cognitiva e afetiva.

O presente estudo surge para, portanto, preencher em parte esta lacuna, levando em conta o enlace fundamental estabelecido entre os campos da cultura e da experiência subjetiva na significação da morte, para explorar os correlatos qualitativamente subjetivos da representação da morte em sujeitos inseridos no domínio cultural do heavy metal; a fim de, especificamente, mapear as variedades de conteúdo afetivo e sensorial que são trazidos às suas experiências subjetivas quando a morte performatiza a função de estímulo disparador de conteúdo psicológico.

A abordagem teórica subjacente à presente pesquisa fundamenta-se em uma perspectiva dinâmica da relação entre processos cognitivos, afetivos, culturais e intersubjetivos (Paivio, 2007), que compreende a experiência consciente como um núcleo integrador dessas dimensões, ao considerar sua função de entrada para estímulos externos e de saída para estímulos autogerados, abarcando assim as três dimensões fundamentais da subjetividade, a saber: pensamento, afetividade e sensorialidade (Chalmers, 2010); das quais estamos especialmente interessados em explorar as duas últimas.

Como base para o entendimento conceitual dessas dimensões, em sua associação com a estruturação da experiência subjetiva, utilizamos a taxonomia das ocorrências de experiência interna elaboradas por Hurlburt (2011). Neste autor, as sensações são consideradas como um tipo de ocorrência de experiência consciente desde que se presentifiquem como uma “consciência sensória”. A consciência sensória é classificada como um tipo de ocorrência interna que toma lugar na experiência quando o sujeito foca a atenção em suas reações sensoriais e corporais a distintos objetos da cognição, tornando a qualidade dessas um aspecto primário de sua experiência consciente.

O campo dos afetos que constituem os estados internos é definido por Hurlburt (2011) com o termo “sentimento”, que se relaciona àquelas experiências conscientes acompanhadas de intensa mediação afetiva, como nos casos da tristeza, da alegria, do medo, do constrangimento, do nervosismo, entre outros. Em consonância com o referencial proposto por Hurlburt (2011), doravante, as terminologias “consciência sensória” e “sentimento” serão empregadas para designar mais apropriadamente, respectivamente, os campos das sensações e dos afetos, como estando intimamente relacionados ao campo geral da estruturação daquilo que o senso comum concebe como um estado interno ou experiência consciente.

Com base nessa perspectiva, o estudo objetiva realizar uma descrição fenomenológica do estado consciente direcionado à morte (compreendido como uma experiência estruturante de dados que se relacionam ao processo de subjetivação da morte), que em consonância com os objetivos e a base teórica do presente estudo, será realizada por meio de adoção a uma metodologia introspeccionista de base qualitativa e idiográfica. A partir disso, busca-se discutir como as fenomenologias emergentes desses estados refletem possíveis efeitos de referenciais tanatológicos inerentes ao heavy metal.

## Método

### Tipo de estudo

O presente estudo insere-se em um escopo idiográfico e qualitativo de pesquisa da afetividade e cognição na consideração de sua interface com a cultura. Por sua tônica fenomenológica, optou-se por

um resgate e emprego de metodologia introspeccionista, a partir da qual se resguardou o aspecto êmico do dado investigado, explorando sua emergência enquanto parte integrante de um processo mais amplo, o processo de subjetivação da morte. Desde William James e Wilhelm Wundt, a introspecção tem sido classicamente definida como um método de pesquisa psicológica pautado na autoinspeção da consciência (Mandler, 2007). Na pesquisa da consciência contemporânea, a introspecção tem sido reconhecida por abarcar o escopo metodológico das denominadas abordagens de primeira pessoa (Velmans, 2000), que se inspiram na atitude fenomenológica da filosofia para propor, de um ponto de vista científico, a investigação empírica da experiência consciente naquilo que lhe é inerente (Pickering, 2000).

Seguindo esta abordagem, no contexto do presente estudo, a introspecção tem como objetivo produzir dados empíricos por meio da exploração de informações autorreferidas acerca daquilo que Nagel (1974) denomina como "o que é como" da experiência consciente, denotando "o que é como" estar imerso em um determinado estado qualitativo de consciência em um espaço e tempo particulares. A opção por este tipo de procedimento resvala, aqui, na possibilidade de identificação em profundidade do que é comum, e, ao mesmo tempo, do que é idiossincrático, em tais estados (Pickering, 2000).

### **Participantes**

Foram inseridos 31 participantes no cenário heavy metal da cidade de Recife, Pernambuco, que compuseram uma amostra de conveniência para que fosse preservada a representatividade de sujeitos por afiliação ao grupo pesquisado. Um sujeito foi excluído da análise de dados por não ter produzido conteúdo suficiente durante o procedimento de coleta. A pesquisa teve como critério de inclusão a prerrogativa de o sujeito ter mantido o seu primeiro contato com a cultura heavy metal há mais de dois anos. Dada a composição majoritariamente masculina do grupo social pesquisado, houve 24 homens (80%) e seis mulheres (20%) na composição final da amostra (30 participantes). A idade dos participantes variou entre 20 e 40 anos (média: 28,06).

### **Instrumentos**

Foi elaborada uma entrevista semiestruturada nomeada EFEM (Entrevista Cognitiva-Fenomenológica do Estado Consciente Direcionado à Morte; Magalhães, 2014) para que fosse conduzida a coleta de dados. A EFEM teve sua estrutura baseada em outro instrumento de exploração da experiência interna, nomeado EFEA (Entrevista Cognitiva-Fenomenológica do Estado Autoconsciente; Nascimento, 2008), constituindo-se como um guia passo a passo para a obtenção de reportes acurados acerca do conteúdo e estrutura do estado consciente direcionado à morte, sendo teoricamente projetado para explorar a topologia da experiência interna pesquisada por Hurlburt (2011). A EFEM compõe-se de três fases sequencialmente arranjadas para promover primeiramente a criação de uma paisagem interna onde o conteúdo consciente possa emergir, para que então seja sequencialmente explorado nos momentos subsequentes (Magalhães, 2014).

Na primeira fase da entrevista, o participante foi conduzido a experienciar um estado de consciência caracterizado pelo direcionamento da atenção à morte, sendo verbalmente instruído a focar sua atenção no tema durante um tempo de 30 segundos, após o qual, teve início a fase subsequente, na qual o sujeito foi convidado a reconstruir sua experiência a partir da produção de um relato a respeito de seus conteúdos conforme a ordem de sua sucessão no tempo determinado. Na terceira fase da entrevista, o objetivo foi explorar em profundidade os conteúdos da experiência do participante, a partir da realização de perguntas específicas acerca de sua tipologia e natureza fenomenológica, a partir das categorias de conteúdo interno de Hurlburt (2011).

### **Coleta de dados e procedimentos éticos**

Os sujeitos foram convidados a participarem da pesquisa nos próprios locais dos shows de heavy metal ou por meio de fóruns e redes sociais da internet ligados ao cenário local. A fase de coleta de dados foi iniciada após a aprovação da pesquisa pelo comitê de ética em pesquisa da Universidade

Federal de Pernambuco (parecer nº 1.480.811). Na ocasião da coleta, os objetivos da pesquisa foram apresentados ao sujeito a partir do TCLE (termo de consentimento livre e esclarecido) e após a assinatura do termo pelo participante, o procedimento de coleta foi então iniciado.

### **Análise de dados**

Os conteúdos das entrevistas foram submetidos à análise de conteúdo em sua variante categorial, a partir da qual foram transformados em categorias mais abrangentes segundo critérios de similaridade semântica, exaustividade e exclusividade (Bardin, 2015). Por exemplo, termos referenciadores de marcadores afetivos semelhantes, tais como tristeza, angústia e pesar, foram alocados sob a categoria “pesarosidade”. As categorias geradas foram então subsequentemente alocadas sob suas respectivas tipificações fenomenais (Tabela 1).

## **Resultados e discussão**

Na Tabela 1 encontram-se as categorias de experiência interna e suas respectivas subcategorias de conteúdos, em relação à quantidade de sujeitos que relataram suas ocorrências em suas experiências. Vale destacar que a emergência de termos que denotam a ocorrência de representações sensoriais, especificamente memórias gustativas, olfativas e táteis, fez gerar a tipificação “representações mentais sensoriais”, não encontradas em Hurlburt (2011). Por não designarem um conteúdo sensorial em si, mas sim, representações sensoriais, esses conteúdos fizeram emergir esta nova categoria.

**Tabela 1.** Categorias de ocorrências de experiência interna relacionadas à morte

<b>Categorias</b>	<b>Número de sujeitos</b>
<b>Sentimento</b>	
C1: Ansiedade	2
C2: Inanidade	2
C3: Medo	6
C4: Pesarosidade	13
C5: Saudade	5
C6: Serenidade	2
<b>Consciência sensória</b>	
C7: Alterações cinestésicas	2
C8: Frio	2
C9: Secura bucal e alterações da respiração	5
<b>Representações mentais sensoriais</b>	
C10: Representação auditiva	2
C11: Representação olfativa	3
C12: Representação tátil	4

Em observância ao quadro idiográfico e fenomenológico do estudo, a seguir, a partir de cada modalidade de ocorrência de experiência interna investigada, realizaremos a apresentação dos resultados em seus aspectos fenomenológicos, cognitivos e culturais, seguida de discussões, também

por modalidade de experiência interna, relacionadas às suas especificidades e outros resultados de estudos sobre a morte em distintos campos da psicologia.

### Sentimento

Ao todo, foram identificadas seis categorias fenomenológicas relativas à ocorrência de sentimento (Hurlburt, 2011) na experiência dos participantes, entre elas:

**C1 Inanidade:** categoria que agrupou a descrição de elementos referenciadores de uma representação afetiva do nada, descrita como um “sentimento de vazio”, conforme ilustrada no seguinte trecho: *“O caso do vazio, foi mais a sensação mesmo, não foi tanto uma imagem. Sentimento de vazio mesmo. Quando eu penso em morte ou em uma coisa mais próxima.”* (Protocolo 1).

**C2 Pesarosidade:** categoria presente em quase metade das experiências direcionadas à morte na amostra pesquisada (Tabela 1). Englobou a fenomenologia de sentimentos diversos, que compartilhavam como um traço comum a representação da morte enquanto um “pesar” expresso por meio de sentimentos como angústia, tristeza, melancolia, frustração e afins. Em suma, sentimentos que indicavam a vivência de sentimentos negativos diante da iminência de consumação da morte, como podemos ver em: *“É uma falta de perspectiva, e é uma frustração. Frustração no sentido de que se a pessoa tava esperando uma vida depois a morte, uma recompensa e não tinha.”* (Protocolo 12); e no trecho: *“Angústia e tristeza quando eu penso nesses entes muito queridos, nesse amigo, nessa tia, na minha mãe, no meu pai, quando eu penso nessa possibilidade.”* (Protocolo 21).

**C3 Saudade:** reuniu experiências de saudade ligadas a lembranças de entes da família falecidos, conforme descrito em: *“Foi a questão de você, da saudade mesmo né, de você ir lá na casa dele e não ter mais ele lá pra tirar brincadeira e ficar fazendo as palhaçadas que ele fazia, foi mais saudade mesmo.”* (Protocolo 17).

**C4 Ansiedade:** categoria que agrupou experiências de inquietude e aflição diante da morte, conforme descrito em: *“O fato de eu sentir esse imediatismo, sentir que eu deva agir de forma apressada, isso gera muita ansiedade.”* (Protocolo 11).

**C5 Medo:** esta categoria indicou o temor diante da própria morte e da morte de parentes e pessoas queridas; relacionando-se também ao medo da morte concebida enquanto um objeto desconhecido. A fenomenologia subjacente ao medo da morte adquire aqui um duplo aspecto: primeiro, sugere um significado de ameaça ao próprio self ou aos selves de convívio próximo ao self; o segundo aspecto, sugere a existência de um temor provocado pelo desconhecimento ante a natureza da morte. Ao primeiro aspecto podemos conferir em: *“O que é que gera o medo? É o medo que aconteça com as pessoas que eu conheça, que estão próximas a mim.”* (Protocolo 25). E o segundo, em: *“... aí eu comecei ali a ter a sensação, a questão do medo de não saber o que é.”* (Protocolo 19).

**C6 Serenidade:** englobou sentimentos de natureza serena e tranquila diante da morte. Esse aspecto da experiência interna em certo sentido adquiriu o status de “alívio”, uma vez que emergiu como um contraponto a momentos de tensão e angústia, isto é, sucederam a vivência de sentimentos inseridos em outras categorias fenomenológicas, como a C2 Pesarosidade, conforme podemos identificar com o excerto a seguir: *“É como eu falei né, tristeza mesmo, uma coisa muito pesada assim. Depois aí eu dei uma respirada, senti uma coisa mais... um alívio.”* (Protocolo 12).

Foi comum os participantes relatarem que durante o tempo de imersão em seus estados conscientes direcionados à morte os afetos negativos (englobados sob a categoria C5 Medo, por exemplo) fossem suplantados por afetos positivos de ordem da categoria C6: Serenidade, denotando a adoção a estratégias de regulação emocional no decorrer do processo. A regulação emocional é conceituada como a habilidade cognitiva de estabelecer estratégias conscientes e/ou inconscientes para manter, aumentar ou diminuir um ou mais componentes de resposta emocional, incluindo os sentimentos, comportamentos e respostas fisiológicas que constroem as emoções (Gutiérrez & Muñoz-Martínez, 2013).

O fato de a faceta afetiva desse estado consciente se caracterizar, também, pela adoção a estratégias de regulação emocional, além de refletir uma atitude cognitiva bastante presente em nossos momentos de contato cotidiano com a morte, também vai ao encontro a dados de estudos da área clínica (Hales, Gagliese, Nissim, Zimmermann, & Rodin, 2012; Widera-Wysoczańska, 1999) e neurocognitiva

(Shihui, Qin, & Ma, 2010) sobre a morte; sobretudo no que se liga aos seus achados indicarem a regulação emocional enquanto um recurso comumente utilizado pelos sujeitos no desenvolvimento de suas estratégias de coping frente à morte.

As categorias sobre afetividade refletem o aspecto multifacetado que caracteriza a relação afetiva do ser humano com a morte: se por um lado, a morte é representada como objeto de angústia e medo por ser um demarcador de sua finitude enquanto ser biológico, por outro lado, também é significada como um objeto que remete aos domínios afetivos da paz e serenidade (Kübler-Ross, 1996), que juntos representam o fim de um sofrimento físico ou existencial, e em outros casos, a passagem para uma nova vida em uma dimensão espiritual (Cave, 2012).

### Consciência sensória

Os elementos de experiência interna constituídos a partir de modalidades de informações sensoriais (consciência sensória, Hurlburt, 2011) organizaram-se sob três categorias distintas de conteúdo:

**C7 Frio:** remeteu a associação da sensação de frio com a representação da morte por parte dos participantes, como em *"E é frio né, a morte é uma coisa fria. Então você tem a sensação de frio."* (Protocolo 21).

**C8 Secura bucal e alterações da respiração:** englobou a consciência de sensações relativas ao ato de "engolir seco" e de perceber a "boca seca", em concomitância com alterações da respiração. Ambos os eventos compuseram a categoria, dado que ocorreram de maneira contígua durante as experiências, conforme podemos conferir nos trechos: *"Fez gerar é... a sensação de secura na boca, entendeu? Daí sentir a questão da secura e tudo mais, e a respiração mudar por conta do tema da morte."* (Protocolo 28) e *"A sensação de sei lá, parou a salivação aí tipo, deu um pouco de medo e ficou ofegante a respiração."* (Protocolo 24).

**C9 Alterações cinestésicas:** esta categoria reuniu eventos ligados às alterações no agenciamento proprioceptivo, isto é, alterações no reconhecimento da localização e movimentação corporal. Os dados constituintes dessa categoria vão ao encontro de fenomenologias tipicamente emergentes de experiências fora-do-corpo e experiências de quase morte. Uma vez que, resguardadas suas especificidades, as fenomenologias do primeiro tipo de experiência geralmente estão presentes no segundo tipo, trabalharemos com o referencial descrito por Fenwick (2013), que elenca nove eventos costumeiramente relacionados à fenomenologia da experiência de quase morte, dos quais, dois estiveram presentes em nossos dados:

1) saída do corpo (a experiência fora do corpo – EFC): *"Como se tivesse flutuando de fato o meu corpo sabe, como se tivesse saindo, como se tivesse um... uma energia fluindo e eu tivesse levitando, é isso sabe."* (Protocolo 26); *"Você se sente até meio perdido né, porque a pior coisa que se tem é fazer uma viagem astral e se perder do seu corpo, você tem a sensação de tá morto, você cortou a linha da vida."* (Protocolo 20). 2) viagem por um túnel em direção à luz: o participante decreve a sua experiência como sendo uma queda por um túnel escuro *"Principalmente escuro em volta, como se tivesse um foco de luz no início do túnel direcionado ao meu rosto."* (Protocolo 20).

### Representações mentais sensoriais

Representações mentais são símbolos cognitivos internos, conteúdos mentais que representam objetos da realidade externa (Paivio, 2007). Apesar de não identificar propriedades sensoriais em si mesmas, o surgimento de representações mentais sensoriais (isto é, representações mentais associadas a sensações) adquire importância no âmbito do presente estudo por assinalar a ocorrência de memórias sensoriais no fluxo da experiência consciente direcionada à morte entre os sujeitos. É importante ressaltar que os participantes, ao se referirem a tais ocorrências de representações sensoriais, utilizaram termos que remetem de imediato ao espectro da experiência da memória, sobretudo, do tipo episódica. Ao todo, podemos identificar a organização dessa modalidade por meio de três categorias descritas abaixo.

**C10 Representações auditivas:** refere-se a ocorrências de representações acústicas internas, todas ligadas às audições de música, tanto do estilo heavy metal quanto de outros estilos musicais, como percebemos respectivamente nos seguintes trechos: *"Eu ouvi assim alguns trechos de algumas*

músicas, tá ligado? Tocando. Essa história da minha tia né, que eu lembrava muito, quando eu escutava a música do Shaman eu lembrava dela.” (Protocolo 10) e “Era uma música erudita do período romano. Que vez ou outra quando eu penso sobre essas coisas eu to escutando.” (Protocolo 11).

**C11 Representações olfativas:** relacionou-se às memórias olfativas de odores experimentados pelos participantes, ligados a um animal morto, pessoas e flores, conforme ilustrados respectivamente em: “Acho que o cheiro da morte, foi com um bicho que eu resgatei. E o cheiro que ele exalava perto de morrer era uma coisa... era carregado, você se sentia mal de tão carregado que era o cheiro.” (Protocolo 27); “Minha avó. Eu lembrei muito do cheiro do quarto, cheiro de velhice. Isso eu me lembro muito, o cheiro que os lençóis, que a cama tinham assim, isso foi uma experiência sensorial que realmente eu tive.” (Protocolo 9) e “Isso tem muito em interior, é uma flor com umas cores bem vivas, e que elas tem um cheiro muito peculiar. Quando eu comecei a experiência desses trinta segundos eu lembrei desse cheiro, exatamente o cheiro dessas flores.” (Protocolo 21).

**C12 Representações táteis:** a ocorrência desse conteúdo interno esteve relacionada às memórias táteis da sensação de tocar no corpo de outras pessoas ora falecidas, como observamos em: “Eu tenho memórias de tocar assim, de um tio meu, que foi o primeiro cadáver que eu toquei, num enterro lá e aquela coisa, e eu sempre lembro disso aí.” (Protocolo 18).

A ocorrência dessas representações mentais sensoriais esteve associada com todas as outras modalidades de experiência interna. A título de exemplificação, no fragmento de protocolo a seguir, temos o caso de um episódio em que a C11 representações olfativas ocorrem em concomitância com a C7 Frio: “Eu lembrei desse cheiro né, exatamente o cheiro dessas flores. E é frio né, a morte é uma coisa fria. Então você tem a sensação de frio, e o cheiro, associado ao cheiro dessas flores.” (Protocolo 21). Neste caso, uma categoria consciência sensória (frio) esteve associada a uma memória olfativa (cheiro de flor, representação mental não verbal olfativa), destacando significados ocidentais corriqueiramente associados com a ideia de morte no ocidente: frieza e flores presentes em funerais.

Podemos observar a presença de uma simbologia tanatológica típica da cultura ocidental na experiência representacional sensorial de alguns desses sujeitos, quando consideramos que suas representações sensoriais ligadas ao sentir cheiro de flor (Protocolo 21) ou a um odor referido como cheiro de velhice (Protocolo 9), acompanharam visualizações internas (representações mentais de conteúdo visual, Hurlburt, 2011) associadas aos ambientes do cemitério e do quarto de uma pessoa mais velha da família já falecida (a avó), respectivamente. No ocidente, é bastante comum se optar por morrer em casa, junto da família; por outro lado, também é habitual existir a presença de flores de aromas característicos nos ritos funerários.

Em sua maioria, os eventos subjetivos investigados construíram-se por meio da mútua associação entre as categorias descendentes das distintas modalidades de experiência interna. É importante notificar que esta associação se fez marcar pela proximidade ontológica de conteúdos fenomenais na interface com um significado singular e privativo à experiência de cada participante. Esses significados singulares enredaram a relação entre os conteúdos internos, estabelecendo um vínculo entre os mesmos no âmbito da experiência como um todo. A seguir, encontramos uma pequena ilustração de tal ligação: “A angústia está ligada a sensação tátil da morte. Veio junto também o medo, quando eu lembrei da memória de minha mãe, quando eu lembrei dessa parte tátil, que foi da mãozinha dela, de eu pegando na mãozinha dela.” (Protocolo 15).

Acima, percebemos que no decorrer da experiência do participante, afetos da ordem do medo (C5 Medo) e da angústia (C2 Pesarosidade) são gerados por meio da memória de uma sensação tátil (C12 Representações táteis), que de algum modo marcou e marca o seu modo de subjetivação da morte para o participante. De acordo com o relato, afetos negativos somaram-se à memória de um evento sensorial que constituiu um momento doloroso de sua vida, refletindo um significado árido de sua experiência com a morte.

Essa ligação entre modalidades distintas de conteúdo interno por meio de um significado mais amplo da morte foi algo bastante presente em nosso conjunto de dados. De alguma maneira, isto reflete o modo como a nossa mente trabalha na integração de conteúdos associados à morte durante a vida diária. Na vida cotidiana, somos levados por diversos estímulos a voltarmos nossas atenções ao tema da morte: assistimos a um filme, lemos um livro, presenciamos uma situação, conversamos com pessoas, entre outros. As categorias emergentes de nossa amostra refletem a multiplicidade de caminhos cognitivos e

afetivos pelos quais a morte se abre à significação subjetiva, o que reflete um denominado estatuto de bricolagem que, segundo Nascimento e Roazzi (2007), é caracterizado pelo modo amalgamado por meio do qual distintos modos de representação cognitiva e afetiva encontram-se entrelaçados no momento em que constituímos a morte como um objeto presentificado em nossas mentes, tomando nossa experiência.

Consideradas como um todo, as categorias que constituíram a fenomenologia afetiva e sensorial da experiência interna direcionada à morte na amostra pesquisada ilustram alto impacto exercido pelas representações da morte presentes no âmbito da cultura ocidental. Tal influência se faz transparecer no senso de finitude que permeou grande parte das categorias de sentimento. Este senso de finitude, tão presente em nossa cultura, marcou tacitamente boa parte das experiências afetivas dos participantes, fazendo emergir sentimentos de angústia, medo, ansiedade e tristeza atrelados à morte, ressaltando o significado de sua inevitabilidade, frequentemente evocado no ocidente sob a forma de uma representação de interrupção da vida (Kovács, 2008).

Ainda no que tange aos efeitos da cultura na subjetivação da morte, o que podemos inferir diante do nosso conjunto de dados é que houve baixa associação de representações da morte provenientes explicitamente do universo heavy metal com as fenomenologias emergentes. Apenas um sujeito associou sua experiência diretamente ao campo do heavy metal. O conteúdo foi uma representação auditiva, sendo uma música própria do estilo (ver trecho do protocolo 10, apresentado anteriormente para exemplificar a categoria C10: Representações auditivas).

Com base na primazia fenomenológica do aporte teórico-metodológico aqui empregado, consideramos como critério para a verificação da presença do heavy metal enquanto referencial cultural da experiência do sujeito com a morte, a menção explícita de sua parte de algum conteúdo que claramente denotasse uma associação com o heavy metal, como foi no caso do participante acima.

Cabe aqui, ressaltarmos o fato de que esse tipo de dado incide sobre a fenomenologia dos estados internos direcionados à morte, e não, sobre uma explicação pormenorizada da perspectiva de morte dos sujeitos. Isso contribui para minimizar nossa capacidade de discutir de maneira mais abrangente as razões pelas quais o heavy metal, enquanto cultura, tenha tido aparentemente baixa influência sobre a significação da morte, considerada em sentido amplo. Todavia, resguardadas as limitações interpretativas, nossos dados estendem o escopo da questão da influência da cultura na significação da morte a populações não predominantemente religiosas (isto é, fãs de heavy metal, ver Weinstein, 2000).

Os efeitos de determinantes socioculturais, como a religião na significação da morte, têm sido relativamente pesquisados no campo de interface entre psicologia e tanatologia. Em estudo empreendido por Nascimento e Roazzi (2007), investigou-se de uma perspectiva sociocognitiva, como se estrutura a representação social da morte em profissionais da saúde, considerando sua relação com as religiosidades. O estudo encontrou diferenças em níveis de como sujeitos afiliados a distintas perspectivas religiosas especificamente cristãs (protestantes, católicos e espíritas) constroem significados pictóricos a respeito da morte.

É interessante notar que a ausência de referências ao amplo espectro das religiosidades nos relatos de nossos participantes, contudo, não neutraliza as semelhanças existentes entre a fenomenologia afetiva aqui notificada e o núcleo afetivo da representação social da morte emergente entre os referidos profissionais religiosos da saúde. Esse núcleo afetivo foi composto por categorias da ordem da finitude, da perda, do macabro e da tristeza (Nascimento & Roazzi, 2007), resguardando semelhanças com as categorias aqui noticiadas. Isto sugere que em um sentido geral, dimensões afetivas do temor, angústia e pessimismo parecem produzir efeitos na constituição afetiva da representação da morte a despeito da ausência ou presença de crenças religiosas.

Nesse sentido, uma contribuição importante do presente estudo pode residir no oferecimento de uma amostra qualitativa inicial acerca de quanto os diferentes modos de significação da morte no ocidente parecem estar amparados sob uma grande representação afetiva em comum, provavelmente, fruto do efeito dos referenciais culturais tanatológicos tipicamente ocidentais, que baseados na preservação de uma perspectiva terrorífica e ao mesmo tempo pessimista diante da morte (Ariès, 2012; Cave, 2012) propiciam uma experiência de subjetivação da morte a partir de afetos dessa natureza. Ao que parece, os referenciais culturais particulares (isto é, os referenciais mais diretamente ligados aos grupos de pertença dos sujeitos), inclusos os existentes no heavy metal descendem desses referenciais mais

abrangentes, responsáveis por uma construção majoritária de núcleos de subjetivação afetiva da morte no ocidente.

## Considerações finais

A presente pesquisa buscou compatibilizar a exploração sociocognitiva e fenomenológica das significações da morte a partir de metodologia idiográfica. A proximidade entre essas duas facetas na estruturação da experiência consciente cotidiana se refletiu em nosso conjunto de dados, considerando a recorrente inter-relação existente entre as duas esferas na construção dos conteúdos psicológicos ora explorados. Espera-se que os resultados aqui gerados possam repercutir no âmbito da compreensão da morte enquanto fenômeno cultural de natureza existencial, sendo estendidos ao campo da atuação clínica (Schmidt, Gabarra & Gonçalves, 2011), bem como, ao campo da pesquisa de escopo fenomenológico da morte em geral (Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011; Barbosa, Melchiori, & Neme, 2011b; Widera-Wysoczańska, 1999).

O esforço empírico aqui realizado direcionou-se à pesquisa da questão dos elementos afetivos e sensoriais que mediam nossas subjetivações tanatológicas em sua interface com a cultura. Acreditamos que um primeiro passo pode ter sido dado rumo à construção de um programa de pesquisa interessado na investigação de como a morte é subjetivada a partir de culturas em cujo seio o tema seja trabalhado enquanto objeto central de experiência afetiva e cognitiva.

## Referências

- Ariès, P. (2012). *A história da morte no ocidente*. Rio de Janeiro, RJ: Nova Fronteira.
- Barbosa, C.G., Melchiori, L.E., & Neme, C.M.B. (2011). Morte, família e a compreensão fenomenológica: revisão sistemática de literatura. *Psicologia em Revista*, 17(3), 363-377.
- Bardin, L. (2015). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Brown, A. (2011). Heavy genealogy: mapping the currents, contraflows and conflicts of the emergent field of metal studies, 1978-2010. *Journal for cultural research*, 15(3), 213-242.
- Cave, S. (2012). *Immortality: the quest to live forever and how it drives civilization*. New York: Crown publishers.
- Chalmers, D. (2010). *The character of consciousness*. New York: Oxford University Press.
- Christe, I. (2010). *Heavy metal: a história completa*. São Paulo: Arx editora.
- Fenwick, P. (2013). As experiências de quase morte (EQM) podem contribuir para o debate sobre a consciência?. *Revista de psiquiatria clínica*, 40(5), 203-207.
- Gutiérrez, R. M. V. & Muñoz-Martínez, A. M. (2013). La regulación emocional: precisiones y avances conceptuales desde la perspectiva conductual. *Psicologia USP*, 24(2), 225-240.
- Hales S, Gagliese L, Nissim R, Zimmermann C, & Rodin G. (2012). Understanding bereaved caregiver evaluations of the quality of dying and death: an application of cognitive interviewing methodology to the quality of dying and death Questionnaire. *Journal of pain and symptom management*, 43(2), 195-204.
- Hidalgo, C. (2010). *Etnografías de la muerte: rituales, desapariciones, VIH-SIDA y resignificación de la vida*. Buenos Aires: CICCUS.
- Hurlburt, R.T. (2011). *Investigating pristine inner experience: moments of truth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kastenbaum, R. & Aisenberg, R. (2000). *The psychology of death*. New York: Springer.
- Kovács, M. J. (2008). Desenvolvimento da tanatologia: estudos sobre a morte e o morrer. *Paidéia*, 18(41), 457-468.
- Kübler-Ross, E. (1996). *Sobre a Morte e o Morrer*. São Paulo: Martins Fontes.
- Magalhães, J.H.G. (2014). *O que as pessoas experienciam quando a morte vem à mente? Explorando aspectos cognitivos e fenomenais da experiência interna dirigida à morte entre sujeitos inseridos na cultura heavy metal*. Dissertação de Mestrado Não-Publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Mandler, G. (2007). *A history of modern experimental psychology: from James and Wundt to cognitive science*. Massachusetts: The MIT press.
- Nagel, T. (1974). What is it like to be a bat? *The Philosophical Review*, 83(4), 435-450.
- Nascimento, A. M & Roazzi, A. (2007). A Estrutura da Representação Social da Morte na Interface com as Religiosidades em Equipes Multiprofissionais de Saúde. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 20(3), 435-443.
- Nascimento, A. M. (2008). *Autoconsciência situacional, imagens mentais, religiosidade e estados incomuns da*

- consciência: um estudo sóciocognitivo*. Tese de Doutorado Não-Publicada, Programa de Pós-graduação em Psicologia Cognitiva, Universidade Federal de Pernambuco, Recife.
- Paivio, A. (2007). *Mind and it's evolution: a dual coding theoretical approach*. Mahwah: Lawrence Erlbaum.
- Pickering, J.(2000). Methods are a Message. In M. Velmans (Org.), *Investigating phenomenal consciousness: new methodologies and maps* (pp. 279-300). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V.
- Pyszczynski, T., Greenberg, J., & Solomon, S. (1999). A dual-process model of defense against conscious and unconscious death-related thoughts: An extension of terror management theory. *Psychological Review*, 106, 835–845.
- Roazzi, M, M., Dias, M. G. B. B., & Roazzi, A. (2010). Mais ou menos morto: explorações sobre a formação do conceito de morte em crianças. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(3), 485-495.
- Schmidt, B., Gabarra, L, M., & Gonçalves, J. R. (2011). Intervenção psicológica em terminalidade e morte: relato de experiência. *Paidéia*, 21(50), 423-430.
- Shihui, H., Qin, J., & Ma, Y. (2010). Neurocognitive processes of linguistic cues related to death. *Neuropsychologia*, 48, 3436–3442.
- Salvagni, A., Savegnago, S. D. O., Gonçalves, j., Quintana, A .M., & Beck, C. L. C. (2013). Reflexões acerca da abordagem da morte com crianças. *Mudanças – Psicologia da Saúde*, 21(2), 48-55.
- Velmans, M. (2000). An Introduction to Investigating Phenomenal Consciousness. In M. Velmans (Org.), *Investigating phenomenal consciousness: new methodologies and maps* (pp. 1-18). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins B.V.
- Weinstein, D. (2000). *Heavy Metal: the music and its culture*. Boston: Da capo press.
- Widera-Wysoczańska, A. (1999). Everyday awareness of death: a qualitative investigation. *Journal of Humanistic Psychology*, 39, 73–95.

Recebido em 10/05/2016

Aceito em 29/03/2017

---

José Hugo Gonçalves Magalhães: Mestre em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco

Alexandro Medeiros do Nascimento: Doutor em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco, professor adjunto do curso de Psicologia e do programa de Pós-Graduação em Psicologia Cognitiva da Universidade Federal de Pernambuco.